



UNIVERSIDADE LA SALLE

Psicologia hospitalar e a humanização da assistência: uma revisão narrativa

Hospital psychology and the humanization of care: a narrative review

Larissa Altenetter dos Santos¹
Maria de Lourdes Borges²

RESUMO

A inserção da psicologia hospitalar no Brasil reflete a crescente demanda por uma abordagem integral e humanizada no cuidado à saúde. Diante deste panorama, o presente trabalho **objetivou examinar** as principais estratégias e práticas adotadas pelo psicólogo hospitalar para promover uma assistência mais humanizada a pacientes e familiares. Para tal, foi realizada uma **revisão narrativa de literatura** com caráter interpretativo e crítico, analisando dez artigos publicados entre 2015 e 2025, todos provenientes da Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH). A base de análise permitiu uma compreensão aprofundada do campo. Os resultados evidenciaram que a psicologia hospitalar firma-se como área essencial na promoção da saúde integral, manejando sentimentos de ansiedade, medo e luto. O profissional atua de forma inegavelmente interdisciplinar, oferecendo acolhimento, escuta sensível e suporte emocional tanto a pacientes quanto a seus familiares e às equipes de saúde, o que contribui diretamente para o enfrentamento do adoecimento e a melhoria da qualidade do atendimento institucional. Contudo, foram identificados desafios críticos, como a sobrecarga de trabalho, a carência de reconhecimento e a necessidade de maior valorização das práticas psicológicas no ambiente hospitalar. Conclui-se que este campo se fortalece como um ponto de **integração entre ciência e cuidado humano**, reafirmando seu compromisso ético e social com a dignidade, a subjetividade e o bem-estar dos sujeitos em situação de sofrimento físico e emocional, e apontando a necessidade de apoio por meio de políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia hospitalar; atuação do psicólogo; humanização em saúde; contexto hospitalar; assistência psicológica em hospitais.

¹Graduanda de psicologia da Universidade La Salle. E-mail laris.altenetter@outlook.com e Orcid <http://orcid.org/0009-00095172-319X> Trabalho de Conclusão de Curso, Semestre 2025/2.

²Psicóloga, doutora e mestre em Administração. Professora da graduação de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. E-mail: maria.borges@unilasalle.edu.br e maluborg@gmail.com e Orcid <http://orcid.org/0000-0002-1277-5773>.

ABSTRACT

The insertion of Hospital Psychology in Brazil reflects the growing demand for an integral and humanized approach to health care. Given this scenario, the present study **aimed to examine** the main strategies and practices adopted by the hospital psychologist to promote more humanized assistance to patients and family members. To this end, a **narrative literature review** with an interpretive and critical approach was conducted, analyzing ten articles published between 2015 and 2025, all sourced from the Journal of the Brazilian Society of Hospital Psychology (SBPH). This analytical base allowed for an in-depth understanding of the field. The results demonstrated that Hospital Psychology **is establishing itself** as an essential area in promoting integral health, managing feelings of anxiety, fear, and grief. The professional undeniably operates in an **interdisciplinary** manner, offering welcoming, sensitive listening, and emotional support to patients, their families, and health teams, which directly contributes to coping with illness and improving the quality of institutional care. However, critical challenges were identified, such as workload strain, lack of recognition, and the need for greater appreciation of psychological practices in the hospital environment. It is concluded that this field is strengthening as a point of integration between science and human care, reaffirming its ethical and social commitment to the dignity, subjectivity, and well-being of individuals in physical and emotional suffering, and pointing to the need for support through public policies.

KEYWORDS: Hospital Psychology; Psychologist's Role; Humanization in Health; Hospital Setting; Psychological Assistance in Hospitals.

1. INTRODUÇÃO

A psicologia hospitalar, reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia desde o ano 2000, é uma especialidade que se insere no campo mais amplo da Psicologia da Saúde. Sua atuação vai além da intervenção clínica tradicional, abrangendo a promoção da saúde, a prevenção de agravos e o cuidado integral em diferentes contextos hospitalares. Nesse cenário, o psicólogo oferece suporte a pacientes, familiares e equipes multiprofissionais, contribuindo para uma assistência mais humanizada e integrada (Assis; Figueiredo, 2019; Azevêdo; Crepaldi, 2016; Tonetto; Gomes, 2025; Cunha; Alves, 2019; Alexandre et al., 2019)

Os primeiros registros da prática psicológica em hospitais brasileiros remontam à década de 1950, especialmente no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Desde então, a área expandiu-se, ocupando setores de alta complexidade, como UTIs, oncologia, pediatria e cuidados paliativos. Esse processo permitiu à psicologia hospitalar consolidar identidade própria, articulando prática clínica, demandas institucionais e o compromisso com a saúde integral

(Azevêdo; Crepaldi, 2016; Tonetto; Gomes, 2025; Assis; Figueiredo, 2019). A evolução da especialidade também acompanhou mudanças sociais e políticas de saúde, refletindo a crescente valorização do cuidado psicológico na rede hospitalar (Carvalho; Santana; Santana, 2009).

O trabalho do psicólogo hospitalar envolve escuta qualificada, mediação de conflitos e intervenções em situações de crise. Ele contribui para o enfrentamento do sofrimento e para a humanização da assistência (Tonetto; Gomes, 2025; Cunha; Cremasco; Gradvohl, 2016). No entanto, muitos pacientes ainda desconhecem essas funções, associando a atuação do psicólogo apenas ao consultório clínico tradicional. Tal desconhecimento pode comprometer a adesão ao acompanhamento psicológico, sobretudo em fases críticas da internação, quando o paciente está mais fragilizado. Para enfrentar esse desafio, recomenda-se que o psicólogo se apresente ativamente, explicando suas funções e esclarecendo possíveis benefícios de sua intervenção (Cunha; Alves, 2019; Alexandre et al., 2019).

A atuação do psicólogo hospitalar é marcada pelas diversas funções e pela inserção em diferentes especialidades médicas e contextos institucionais. No cotidiano, ele é chamado para manejar sentimentos de ansiedade, depressão, medo e incerteza diante da doença. Também oferece suporte em situações de luto, terminalidade e adoecimento crônico (Fossi; Guareschi, 2005; Kupermann, 2010; Mutarelli, 2015). A prática psicológica contribui para ressignificar experiências de dor, mobilizar recursos internos e construir estratégias de enfrentamento. Estudos indicam que intervenções psicológicas bem estruturadas reduzem impactos emocionais negativos e aumentam a adesão a tratamentos médicos complexos (Schneider; Moreira, 2017; Alexandre et al., 2019).

Outro aspecto fundamental é o acompanhamento de familiares e acompanhantes. A hospitalização prolongada gera impactos emocionais significativos, como sentimentos de impotência, insegurança e angústia (Silva, 2018). O suporte psicológico possibilita a elaboração desses sentimentos, amplia a compreensão das informações médicas e fortalece as redes de apoio. Essa intervenção repercute positivamente na adesão ao tratamento e contribui para o bem-estar coletivo (Mota; Martins; Vêras, 2006; Schneider; Moreira, 2017; Alexandre et al., 2019). O psicólogo também atua como mediador entre equipe, paciente e familiares, facilitando a comunicação e prevenindo conflitos institucionais (Simonetti, 2007).

A atuação do psicólogo hospitalar não se restringe ao atendimento clínico individual. Ele também integra equipes multiprofissionais potencializando intervenções em saúde e permitindo o planejamento conjunto. A interdisciplinaridade constitui o eixo central da prática, viabilizando uma abordagem mais ampla do adoecimento (Tonetto; Gomes, 2025; Assis; Figueiredo, 2019). Estudos apontam que a presença do psicólogo contribui para um cuidado mais humanizado, pautado na escuta, empatia e valorização da subjetividade (Cunha; Alves, 2019; Simonetti, 2007). Além disso, o psicólogo pode atuar na avaliação e intervenção em contextos críticos, como emergências hospitalares, promovendo protocolos de cuidado psicológico especializado (Schneider; Moreira, 2017).

Apesar da relevância crescente, a psicologia hospitalar enfrenta desafios relacionados à formação acadêmica. Muitos cursos oferecem pouca ênfase à prática hospitalar, ao trabalho interdisciplinar e ao manejo de situações críticas (Almeida; Malagris, 2015; Tonetto; Gomes, 2025). Essa lacuna evidencia a necessidade de capacitação contínua, articulando teoria e prática e fortalecendo competências específicas. Programas de estágio supervisionado e treinamentos em hospitais de referência podem aprimorar habilidades e ampliar a compreensão da realidade hospitalar.

Outro ponto importante refere-se às políticas públicas e institucionais. A inserção do psicólogo em hospitais, especialmente na rede pública, demanda reconhecimento institucional e condições adequadas de trabalho. Políticas de saúde orientadas pela humanização reforçam o valor do cuidado psicológico como parte integrante do processo terapêutico (Carvalho; Santana; Santana, 2009; Mota; Martins; Vêras, 2006). O fortalecimento dessas políticas contribui para a sustentabilidade da prática e para a valorização do psicólogo como agente de promoção da saúde (Almeida; Malagris, 2015).

Diante desse panorama, **analisar** a atuação do **psicólogo** hospitalar mostra-se pertinente tanto para a produção acadêmica quanto para a prática profissional, permitindo compreender como sua atuação contribui para a humanização da assistência. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, **este estudo busca examinar as estratégias e práticas adotadas pelo psicólogo hospitalar para promover um cuidado mais humanizado a pacientes e familiares**. Espera-se que esta análise forneça subsídios importantes para a

formação contínua de profissionais e reforce o papel essencial da psicologia hospitalar na promoção da integralidade e qualidade da assistência.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Trajetória histórica e consolidação do campo

A psicologia hospitalar no Brasil iniciou-se de forma tímida na década de 1950, principalmente em hospitais universitários, como o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, marcando o início de uma prática voltada para o cuidado integral do paciente (Assis; Figueiredo, 2019). Inicialmente, sua atuação estava restrita a atendimentos clínicos individuais, com foco na avaliação psicológica e no acompanhamento de pacientes internados, sem uma formalização clara da especialidade. Ao longo das décadas seguintes, essa área expandiu-se, acompanhando mudanças nas políticas de saúde e a crescente valorização do cuidado psicológico nos contextos hospitalares (Santos; Sarmiento, 2023). Essa expansão permitiu que o psicólogo atuasse em diferentes setores, incluindo unidades de terapia intensiva, oncologia, pediatria e cuidados paliativos, consolidando uma identidade própria da especialidade (Azevêdo; Crepaldi, 2016).

Além disso, a psicologia hospitalar foi se diferenciando da psicologia da saúde, adquirindo definições conceituais próprias. Essa diferenciação permitiu novas possibilidades de inserção profissional que consideram tanto a dimensão clínica quanto a institucional do cuidado (Castro; Bornholdt, 2004). Nesse processo, destacou-se a importância da atuação em equipe multiprofissional, integrando-se a médicos, enfermeiros, fisioterapeutas e outros profissionais da saúde, o que fortaleceu a interdisciplinaridade e ampliou a compreensão do cuidado centrado no paciente (Tonetto; Gomes, 2025; Fossi; Guareschi, 2005).

O percurso histórico evidencia que o estabelecimento da psicologia hospitalar no Brasil resultou da articulação entre demandas institucionais, evolução acadêmica e necessidades sociais. Essa conjuntura fundamentou a base para práticas contemporâneas que priorizam a humanização do atendimento, a escuta qualificada, o acolhimento de pacientes e familiares e a implementação de estratégias de cuidado que promovem tanto a saúde física quanto emocional dos indivíduos (Alexandre et al., 2019; Cavalcanti; Baía, 2015). Nesse processo, também se

observa a influência da estruturação do Sistema Único de Saúde (SUS), que, ao priorizar princípios como integralidade e equidade, abriu espaço para uma prática psicológica alinhada às demandas sociais e à defesa do cuidado humanizado (Barbosa et al., 2013).

Adicionalmente, a evolução da psicologia hospitalar implicou a criação de políticas de formação profissional específicas, incluindo estágios supervisionados, cursos de extensão e programas de capacitação em contextos hospitalares, essenciais para preparar os psicólogos para os desafios do ambiente clínico e institucional (Torezan et al., 2013; Hutz et al., 2019). Mais recentemente, surgiram associações e grupos de pesquisa dedicados exclusivamente à área, o que contribuiu para consolidar a identidade profissional e fomentar debates éticos e técnicos sobre a prática (Angerami-Camon, 2010). Dessa forma, a trajetória da psicologia hospitalar no Brasil combina aspectos históricos, acadêmicos e sociais, consolidando uma prática fundamentada na humanização, na interdisciplinaridade e no cuidado integral (Tonetto; Gomes, 2025).

2.2 Áreas de atuação e humanização da assistência

O trabalho do psicólogo no contexto hospitalar abrange diversos setores da instituição de saúde, exigindo do profissional flexibilidade e capacidade de adaptação às especificidades de cada contexto clínico. Nessas práticas, a humanização do atendimento é o eixo norteador, pois envolve não apenas a escuta das demandas emocionais, mas também a construção de estratégias que respeitem a singularidade de cada paciente (Vieira, Waischunng, 2018). Nas unidades de terapia intensiva (UTI), esse papel torna-se ainda mais relevante, visto que os pacientes encontram-se em situações críticas que despertam angústias intensas tanto neles quanto em seus familiares (Schneider; Moreira, 2017). Nesses contextos, o profissional é responsável pelo manejo de crises emocionais, no apoio ao enfrentamento da hospitalização prolongada e na mediação da comunicação entre equipe e família, além de desenvolver estratégias para prevenção de sofrimento psíquico em profissionais submetidos a altos níveis de estresse ocupacional (Miranda; Nogueira; Alves, 2021; Mutarelli, 2015). Também é papel do psicólogo contribuir para a elaboração de decisões éticas em situações de terminalidade e

cuidados fúteis, ajudando familiares e equipe a lidar com dilemas morais (Kovács, 2003).

Na área oncológica, o psicólogo desempenha um papel central ao acompanhar pacientes diante de diagnósticos graves, terapias invasivas e perspectivas de finitude. A intervenção psicológica busca favorecer a adesão ao tratamento, estimular recursos internos de enfrentamento e auxiliar na elaboração das mudanças impostas pela doença (Porto; Lustosa, 2010; Silva; Langaro, 2023). Com familiares, o trabalho inclui acolhimento das angústias, suporte diante da sobrecarga emocional e orientação quanto ao processo de luto antecipatório. Nos cuidados paliativos, o psicólogo contribui para a construção de significados frente ao adoecimento, possibilitando maior dignidade no final da vida e fortalecendo o vínculo entre paciente e familiares (Reis; Soriano, 2017; Santos, 2025). Ao integrar-se à equipe multiprofissional, o profissional também auxilia na mediação de decisões éticas e na humanização dos protocolos de cuidado, reforçando o caráter interdisciplinar desse campo (Azevêdo; Crepaldi, 2016).

Na pediatria, a psicologia assume a responsabilidade de cuidar da criança hospitalizada sem perder de vista a família como parte essencial do processo terapêutico. A hospitalização infantil é uma experiência potencialmente traumática, capaz de gerar ansiedade, medo e dificuldades no desenvolvimento emocional, razão pela qual as intervenções buscam reduzir os impactos da separação do ambiente familiar e escolar (Lima et al.; Ataíde; Santos, 2023; Freitas; Carvalho, 2008). O uso de recursos lúdicos, como jogos, brinquedos terapêuticos e histórias, favorece a expressão simbólica das emoções, facilita a compreensão dos procedimentos médicos e contribui para maior adesão ao tratamento (Freitas; Carvalho, 2008). Além disso, o psicólogo orienta os familiares quanto às possíveis reações da criança, promove momentos de escuta coletiva e fortalece vínculos, o que contribui para a segurança emocional do paciente pediátrico e para o alívio da sobrecarga familiar (Tonetto; Gomes, 2025; Alexandre et al., 2019). Esse trabalho ainda possui um caráter preventivo, uma vez que pode reduzir sequelas emocionais a longo prazo, evitando o desenvolvimento de fobias, traumas e dificuldades escolares associadas à experiência hospitalar (Freitas; Carvalho, 2008).

Fora desses campos especializados, o profissional da psicologia também marca presença em setores clínico gerais, como clínica médica, cirúrgica e emergencial. Nessas unidades, desempenha funções como avaliação psicológica,

escuta terapêutica, mediação de conflitos e suporte à equipe em decisões éticas relacionadas ao cuidado do paciente (Carvalho; Santana; Santana, 2009; Cunha; Cremasco; Gradwohl, 2016). Na medicina de urgência e emergência, essa atuação torna-se ainda mais relevante, especialmente diante da imprevisibilidade dos quadros clínicos. O psicólogo também desempenha papel essencial em casos de acidentes graves e desastres, quando a intervenção deve ser rápida, focada na estabilização emocional e no fortalecimento de recursos de enfrentamento em curto prazo. Além disso, oferece acolhimento imediato a pacientes em situações críticas, presta apoio às famílias impactadas emocionalmente e contribui para a redução do estresse da equipe multiprofissional (Vieira, 2010).

Na área cirúrgica, o acompanhamento psicológico começa no pré-operatório e segue até a reabilitação pós cirúrgica. Sua atuação inclui a elaboração de medos e ansiedades, a promoção da adesão ao tratamento e o apoio à equipe multiprofissional (Sebastiani; Maia, 2005). O preparo psicológico para procedimentos de alto risco, como cirurgias cardíacas ou neurológicas, pode influenciar diretamente os resultados clínicos. Reduzir complicações e favorecer a recuperação pós operatória são metas importantes nesse processo. Ainda, o acompanhamento estende-se aos familiares, que frequentemente enfrentam ansiedade intensa diante da possibilidade da perda (Sebastiani; Maia, 2005; Barbosa et al., 2013).

Essa diversidade de atuação evidencia que o psicólogo hospitalar deve desenvolver competências técnicas e relacionais amplas, capazes de atender demandas complexas e heterogêneas presentes nos contextos hospitalares (Mutarelli, 2015; Kupermann, 2010). O exercício da psicologia hospitalar ressalta a importância de estratégias de humanização que ultrapassem o atendimento individual, englobando a integração efetiva da equipe multiprofissional, a escuta ativa de pacientes e familiares e a elaboração de intervenções que considerem aspectos emocionais, sociais e institucionais do cuidado (Azevêdo; Crepaldi, 2016; Tonetto; Gomes, 2025). A Política Nacional de Humanização (PNH) reforça essa perspectiva, ao propor práticas de acolhimento, diálogo e corresponsabilidade que favorecem a construção de vínculos de confiança e a valorização da subjetividade no ambiente hospitalar (Barbosa et al., 2013). Nesse contexto, o psicólogo hospitalar exerce um papel fundamental na mediação de relações entre equipe, paciente e familiares, atuando como facilitador da comunicação e promotor de práticas mais humanizadas e centradas no indivíduo (Cavalcanti; Baía, 2015; Alexandre et al.,

2019). Dessa forma, a presença do psicólogo no ambiente hospitalar torna-se essencial para fomentar práticas de cuidado mais humanizadas, que integram paciente, família e equipe multiprofissional, reafirmando a importância da Psicologia na qualificação da assistência em saúde (Azevêdo; Crepaldi, 2016; Cavalcanti; Baía, 2015; Barbosa et al., 2013).

2.3 Desafios e perspectivas da Psicologia Hospitalar

Apesar dos avanços alcançados, a psicologia hospitalar ainda enfrenta desafios institucionais e estruturais significativos. A sobrecarga de trabalho das equipes, a escassez de recursos materiais e humanos, além da resistência de alguns profissionais em considerar a dimensão subjetiva no cuidado, podem limitar a efetividade das intervenções psicológicas (Barbosa et al., 2013; Cavalcanti; Baía, 2015). Tais obstáculos evidenciam a necessidade de políticas institucionais que fortaleçam o papel do psicólogo hospitalar e promovam ambientes de trabalho saudáveis, colaborativos e centrados no paciente (Tonetto; Gomes, 2025).

Outro aspecto relevante diz respeito à formação contínua do psicólogo hospitalar. A complexidade dos cenários clínicos e a constante evolução do conhecimento científico exige atualização permanente por meio de cursos de extensão, capacitações em serviços de alta complexidade, participação em grupos de pesquisa e supervisão clínica (Torezan et al., 2013; Hutz et al., 2019). A especialização permite que os profissionais estejam preparados para lidar com situações de emergência, desastres, cuidados paliativos e intervenções complexas, mantendo a qualidade e a segurança do atendimento (Vieira, 2010; Sebastiani; Maia, 2005).

A psicologia hospitalar também se expande para áreas emergentes, como a telepsicologia e a integração com programas de saúde coletiva. Tais abordagens possibilitam o alcance de populações mais amplas, oferecendo suporte psicológico mesmo em contextos de limitação geográfica ou em situações de restrição presencial, como ocorreu durante a pandemia de COVID-19 (Porto; Lustosa, 2010; Silva; Langaro, 2023). Além disso, a atuação em programas de promoção da saúde e prevenção de agravos contribui para a consolidação do cuidado integral, ampliando o impacto da psicologia hospitalar para além do atendimento individual (Reis; Soriano, 2017; Santos, 2025).

O desenvolvimento de protocolos institucionais e a integração com políticas de humanização, como a Política Nacional de Humanização (PNH), reforçam a importância de práticas organizacionais que valorizem a escuta qualificada, o acolhimento e a corresponsabilidade entre equipe, pacientes e familiares (Barbosa, et al., 2013; Azevêdo; Crepaldi, 2016). Esses instrumentos são essenciais para criar um ambiente propício ao cuidado psicológico, garantindo que as intervenções sejam efetivas, éticas e consistentes com as demandas emocionais e sociais do hospital (Cavalcanti; Baía, 2015).

Por fim, as perspectivas futuras da psicologia hospitalar incluem não apenas a ampliação em setores tradicionais, mas também o fortalecimento da pesquisa aplicada, o desenvolvimento de técnicas inovadoras de intervenção e a promoção da interdisciplinaridade como eixo estratégico de cuidado. Investimentos em capacitação, estudos científicos e protocolos de humanização consolidam o papel do psicólogo hospitalar como agente central na promoção da saúde integral, contribuindo para a melhoria contínua da qualidade do atendimento e para a valorização da dimensão subjetiva do cuidado em saúde (Tonetto; Gomes, 2025; Alexandre et al., 2019).

3. METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma **revisão narrativa da literatura**, voltada à análise da psicologia hospitalar no Brasil a partir de sua trajetória recente, áreas de atuação e desafios na promoção do cuidado humanizado a pacientes e familiares. Esse tipo de revisão foi escolhida por permitir uma abordagem interpretativa e crítica, sem a necessidade de seguir protocolos rígidos de revisões sistemáticas (Rother, 2007). Dessa forma, tornou-se possível integrar diferentes perspectivas teóricas e práticas, possibilitando uma compreensão ampla sobre o tema. A revisão narrativa caracteriza-se pela flexibilidade metodológica, permitindo ao pesquisador discutir conceitos, tendências e lacunas na produção científica. Diferentemente de outros tipos de revisão, ela não busca esgotar o tema de forma quantitativa, mas compreender como o conhecimento vem sendo construído em determinado campo. Assim, foi possível analisar o desenvolvimento da psicologia hospitalar no país e sua inserção nas equipes multiprofissionais de saúde (Rother, 2007).

A busca dos artigos foi realizada exclusivamente na **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH)**, por se tratar de um periódico especializado na área e com publicações voltadas à atuação do psicólogo em contextos de saúde e devido à dificuldade de encontrar uma vasta quantidade de pesquisas sobre a temática em questão. A escolha dessa base garantiu a relevância temática e a qualidade científica dos textos incluídos.

Para esta revisão narrativa, foram utilizados os descritores: *psicologia hospitalar, atuação do psicólogo, humanização em saúde, contexto hospitalar e assistência psicológica em hospitais*. Esses termos foram utilizados de forma isolada e combinada no mecanismo de busca do site da SBPH, com o objetivo de abranger o maior número possível de publicações pertinentes.

A busca inicial resultou em 254 artigos, permitindo mapear a produção existente sobre o tema. A partir da leitura dos títulos e resumos, foram identificados 20 artigos que atendiam aos critérios de inclusão quanto à disponibilidade na íntegra e à pertinência temática, ou seja, todos abordavam a atuação do psicólogo em contexto hospitalar.

Em seguida, aplicou-se o recorte temporal de 2015 a 2025, com o objetivo de concentrar a análise em publicações recentes e representativas da prática contemporânea da psicologia hospitalar. Nessa etapa, 10 artigos foram excluídos por terem sido publicados antes desse período.

Assim, a seleção final foi composta por 10 artigos científicos, que constituíram a base da revisão. Esses textos foram analisados de forma crítica e interpretativa, considerando seus objetivos, metodologias e resultados. A leitura detalhada permitiu compreender como a atuação do psicólogo hospitalar vem sendo descrita nas publicações mais recentes.

A partir dessa análise, os estudos foram agrupados em quatro eixos temáticos emergentes: (1) abordagem psicossocial na psicologia hospitalar, (2) humanização do cuidado, (3) avaliação psicológica em contextos hospitalares e (4) atuação interdisciplinar da equipe multiprofissional. Essa categorização possibilitou identificar tendências teóricas e práticas predominantes na área. A análise buscou destacar convergências e divergências entre os estudos, refletindo como a humanização permeia as práticas, como a avaliação psicológica é conduzida e como a atuação interdisciplinar se organiza. Foram integrados os achados empíricos com as contribuições teóricas consolidadas no referencial teórico.

Considerando a natureza narrativa da revisão, não foram utilizados instrumentos estatísticos nem critérios de metanálise. A interpretação dos resultados foi guiada pela análise temática qualitativa, fundamentada na leitura detalhada do material selecionado e na reflexão crítica sobre os significados presentes nas publicações (Rother, 2007). Essa abordagem valoriza a complexidade do fenômeno estudado.

Dessa forma, a metodologia adotada permitiu construir uma visão ampla e atualizada sobre a psicologia hospitalar, destacando as contribuições, desafios e perspectivas para a atuação do psicólogo nesse campo em constante evolução.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Abordagem psicossocial na psicologia hospitalar

Os artigos analisados revelam que a atuação psicossocial é um dos pilares centrais da prática do psicólogo hospitalar, representando uma abordagem que ultrapassa o atendimento clínico individual para alcançar o cuidado integral do sujeito em sofrimento. Estudos como os de Alexandre et al. (2019), Schneider e Moreira (2017) e Neto e Porto (2015) evidenciam que o psicólogo hospitalar atua como mediador entre paciente, família e equipe, buscando favorecer o enfrentamento da hospitalização e minimizar impactos emocionais advindos da doença e do tratamento. Essa perspectiva reforça a importância do acolhimento como instrumento de escuta ativa, empatia e reconhecimento da subjetividade do paciente.

De modo semelhante, o estudo de Porto e Lustosa (2010) destaca que a escuta clínica e o suporte emocional são fundamentais na oncologia, uma vez que o diagnóstico de câncer mobiliza intensos sentimentos de medo, impotência e incerteza. O psicólogo, nesse contexto, auxilia na construção de novos significados sobre a doença e promove estratégias de enfrentamento que favorecem a adesão ao tratamento. Já Freitas e Carvalho (2008), ao tratarem da psicologia hospitalar pediátrica, mostram que o trabalho psicossocial assume contornos lúdicos e educativos, por meio do uso de brinquedos terapêuticos e atividades expressivas que ajudam as crianças a compreenderem procedimentos médicos e expressarem emoções de forma segura.

Esses achados dialogam diretamente com o referencial teórico de Tonetto e Gomes (2025), que destacam a função mediadora do psicólogo hospitalar na construção de vínculos de confiança e no manejo de emoções negativas. Fossi e Guareschi (2005) também reforçam a ideia de que o trabalho psicossocial no hospital deve valorizar a subjetividade e a singularidade do paciente, considerando-o como protagonista do processo de cuidado. Carvalho e Martins (2015) complementam, evidenciando que o suporte psicológico oferecido às famílias durante a hospitalização é essencial para reduzir a sobrecarga emocional e favorecer a adesão do paciente ao tratamento. Vieira e Waischunng (2018) acrescentam que a atuação psicossocial deve contemplar também a proteção do bem-estar emocional da equipe multiprofissional, prevenindo estresse e burnout. Entretanto, os artigos de Vieira (2010) e Cunha e Cremasco e Gradvohl (2016) apontam dificuldades estruturais, como a sobrecarga de demandas e a limitação de tempo, que restringem o alcance das intervenções. Essa disparidade entre o ideal e o possível revela que, embora a atuação psicossocial seja amplamente reconhecida, sua efetivação ainda depende de melhores condições institucionais e de reconhecimento da importância de psicólogos nas equipes.

4.2 Humanização do cuidado

A humanização constitui um eixo transversal em todas as produções analisadas, consolidando-se como um princípio ético e metodológico da psicologia hospitalar. Os estudos apontam que práticas humanizadas implicam considerar o paciente em sua totalidade biopsicossocial, promovendo intervenções que respeitem sua autonomia, valores e contexto de vida (Alexandre et al., 2019; Schneider; Moreira, 2017; Cavalcanti; Baía, 2015).

Reis e Soriano (2017) destacam que, em contextos de cuidados paliativos, a humanização se manifesta na escuta acolhedora e na presença do psicólogo como facilitador de processos de luto e elaboração simbólica da terminalidade. Nessa mesma linha, Tonetto e Gomes (2025) defendem que o cuidado humanizado exige integração entre os diferentes saberes da equipe multiprofissional, criando um ambiente de cuidado colaborativo e sensível às necessidades emocionais dos pacientes. Ternus e Wollmann (2023) reforçam que protocolos de humanização

institucionalizados contribuem para a consistência e continuidade das práticas centradas no paciente.

No atendimento pediátrico, a humanização ganha uma dimensão específica. Freitas e Carvalho (2008) mostram que o brincar no hospital é uma ferramenta que ressignifica a hospitalização, permitindo que a criança mantenha aspectos de sua identidade e autonomia mesmo em um contexto de dor e dependência. Já Lima et al. (2023) ressaltam a relevância da escuta ativa e da comunicação empática com familiares, que frequentemente vivenciam angústia e insegurança durante o processo de internação dos filhos.

Em oncologia e unidades de terapia intensiva, Porto e Lustosa (2010), Vieira (2010) e De Lara e Kurogi (2022) destacam que a humanização do cuidado está relacionada à presença constante do psicólogo, ao manejo de emoções intensas e à comunicação transparente entre equipe, pacientes e familiares. Contudo, os artigos também identificam obstáculos institucionais, como a falta de estrutura física adequada e a resistência de alguns profissionais da saúde, ainda que compreendam o cuidado de uma perspectiva puramente biomédica.

4.3 Avaliação psicológica em contextos hospitalares

A avaliação psicológica aparece nos artigos como um instrumento essencial para o planejamento das intervenções e para a compreensão das demandas emocionais de pacientes e familiares. De acordo com Fossi e Guareschi (2005), essa avaliação não se restringe ao uso de testes psicológicos, mas inclui entrevistas clínicas, observações e a análise do contexto hospitalar. A prática avaliativa permite identificar fatores de risco emocionais, dificuldades de adaptação e necessidades específicas de apoio psicológico.

Sebastiani e Maia (2025) ressaltam a importância da avaliação em momentos de pré e pós-operatório, destacando que o suporte psicológico adequado reduz a ansiedade, melhora a adesão ao tratamento e favorece a recuperação clínica. Kupermann (2010) acrescenta que a avaliação deve considerar aspectos subjetivos e relacionais, evitando interpretações patologizantes e priorizando a compreensão do sujeito em sua experiência de adoecimento. Já Cunha, Cremasco e Gradvohl (2016) enfatizam que a avaliação contínua é necessária em unidades críticas, onde as condições emocionais do paciente podem variar rapidamente em função do

estado clínico. Costa e Rodrigues (2025) complementam que a documentação sistemática e protocolos claros aumentam a efetividade das intervenções e a comunicação entre os membros da equipe.

Esses achados dialogam com o referencial teórico, que reconhece a avaliação psicológica como uma etapa central da prática do psicólogo hospitalar. Segundo Tonetto e Gomes (2025), a avaliação fornece subsídios para intervenções mais assertivas, enquanto Alexandre et al. (2019) destacam que o psicólogo deve atuar de forma contextualizada, considerando tanto a subjetividade individual quanto as dinâmicas institucionais. No entanto, Vieira (2010) aponta que muitos hospitais ainda carecem de protocolos padronizados e de registros sistemáticos das avaliações realizadas, o que dificulta a continuidade do cuidado e a integração entre os profissionais da equipe.

4.4 Atuação interdisciplinar da equipe multiprofissional

A atuação interdisciplinar emerge como um dos temas mais recorrentes e valorizados nas publicações analisadas. Os estudos demonstram que o psicólogo hospitalar é peça-chave na articulação entre os diferentes profissionais de saúde, atuando na promoção do diálogo, na mediação de conflitos e na construção de planos de cuidado integrados (Assis; Figueiredo, 2019; Tonetto; Gomes, 2025; Alexandre et al., 2019).

Miranda, Nogueira e Alves (2021) mostram que a atuação interdisciplinar contribui para a tomada de decisões éticas compartilhadas e para a prevenção do esgotamento profissional. O psicólogo, nesse contexto, atua não apenas junto ao paciente, mas também oferecendo suporte emocional à equipe, especialmente em setores de alta complexidade como UTI e oncologia. Cavalcanti e Baía (2015) reforçam que o trabalho conjunto com médicos e enfermeiros amplia a compreensão do processo saúde-doença, favorecendo a integralidade do cuidado.

Contudo os artigos também evidenciam desafios. Cunha, Cremasco e Gradwohl (2016) observam que ainda há resistência por parte de alguns profissionais em reconhecer o papel do psicólogo nas discussões clínicas, o que limita a efetiva interdisciplinaridade. Além disso, a falta de tempo e o excesso de demandas dificultam a realização de reuniões de equipe e a troca sistemática de informações. Vieira e Waischunng (2018) destacam que o suporte emocional à equipe é um

aspecto muitas vezes negligenciado, mas essencial para a manutenção de práticas de cuidado humanizadas.

O referencial teórico enfatiza que a interdisciplinaridade deve ser vista como prática colaborativa, em que o psicólogo atua como elo de comunicação e facilitador de processos coletivos de cuidado (Tonetto; Gomes, 2025; Assis; Figueiredo, 2019). Essa integração é essencial para o fortalecimento das práticas humanizadas e para o reconhecimento do psicólogo como agente ativo na promoção da saúde hospitalar.

4.5 Lacunas Identificadas

De modo geral, a análise dos 10 artigos demonstra que a psicologia hospitalar no Brasil tem avançado significativamente, firmando-se como área fundamental para o cuidado integral e humanizado. Há convergência teórica e prática entre os estudos no que se refere à importância do acolhimento, da escuta qualificada, da avaliação contínua e da atuação interdisciplinar. As contribuições de Alexandre et al. (2019), Azevêdo e Crepaldi (2016), Tonetto e Gomes (2025), Neto e Porto (2025) e Carvalho e Martins (2015) reforçam que o psicólogo hospitalar é um profissional mediador, capaz de integrar dimensões emocionais, sociais e institucionais do cuidado em saúde.

No entanto, ainda persistem lacunas relevantes, sobretudo relacionadas à consolidação do papel do psicólogo nos serviços hospitalares e à integração efetiva com as demais áreas da saúde. Muitos artigos apontam a necessidade de aprimorar a formação dos psicólogos hospitalares, ampliando o acesso à supervisão clínica, às práticas interdisciplinares e à pesquisa aplicada (Costa; Rodrigues, 2025). Também se observa a carência de políticas públicas que garantam condições adequadas de trabalho aos profissionais da equipe multiprofissional, reduzam a sobrecarga emocional dos profissionais e favoreçam a continuidade do cuidado. Além disso, as evidências indicam escassez de estudos empíricos sobre o impacto das intervenções psicológicas nos resultados clínicos e na satisfação dos pacientes, o que representa um campo promissor para futuras investigações.

Assim, os resultados desta revisão revelam um cenário em constante evolução, no qual a psicologia hospitalar se afirma como área estratégica para a promoção da saúde integral, mas que ainda demanda reconhecimento institucional, ampliação de recursos e fortalecimento de práticas baseadas em evidências.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos artigos selecionados evidenciou que a psicologia hospitalar no Brasil está no caminho para se consolidar como uma área essencial na promoção da saúde integral, voltada tanto para o cuidado do paciente quanto para o suporte às famílias e equipes multiprofissionais. Os resultados demonstram que o psicólogo hospitalar desempenha um papel fundamental na mediação entre as dimensões subjetivas e institucionais do cuidado, contribuindo para a humanização das práticas em saúde.

Observou-se que as produções científicas da última década na *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar* enfatizam a importância do acolhimento, da escuta qualificada e da atuação interdisciplinar como elementos centrais da prática psicológica em hospitais. Essas dimensões permitem que o profissional compreenda o adoecimento para além do corpo biológico, considerando aspectos emocionais, sociais e simbólicos que permeiam a experiência de cada paciente. Nesse sentido, a psicologia hospitalar reafirma a sua relevância como campo que integra ciência, técnica e sensibilidade humana.

Ao mesmo tempo, os estudos analisados indicam desafios persistentes, como a sobrecarga de trabalho, a falta de reconhecimento institucional e a necessidade de maior valorização do papel do psicólogo nas equipes de saúde. Ainda são escassas as pesquisas que mensuram o impacto das intervenções psicológicas sobre os desfechos clínicos e a qualidade de vida dos pacientes, o que revela uma lacuna importante para futuras investigações. Além disso, é necessário fortalecer políticas públicas que assegurem condições adequadas de atuação e formação continuada aos profissionais da área.

A revisão narrativa permitiu compreender que a psicologia hospitalar brasileira vem caminhando para um modelo de cuidado cada vez mais integral, ético e humanizado, conforme as pesquisas apresentadas na SBPH. O diálogo constante entre teoria e prática tem contribuído para o amadurecimento da profissão e para a consolidação de novas formas de compreender o sofrimento psíquico no contexto hospitalar.

Conclui-se que o psicólogo hospitalar ocupa posição estratégica dentro do sistema de saúde, podendo atuar como mediador de processos de comunicação,

elaborador de sentidos e promotor de vínculos. Sua presença favorece para que o hospital se torne um espaço de escuta, acolhimento e reconstrução subjetiva. Assim, este estudo reforça a relevância da atuação psicológica nos hospitais brasileiros e aponta para a necessidade contínua de valorização e ampliação desse campo de saber e prática, inclusive com aprofundamentos em futuros estudos.

6. REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Vinícius; VASCONCELOS, Nilce Ávila de Oliveira Palis de; SANTOS, Manoel Antônio dos; MONTEIRO, Joana Filipa Afonso. O Acolhimento como Postura na Percepção de Psicólogos Hospitalares. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3K6KrmF4WFt7ftFNH7Zdwt/?lang=pt>

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. Psicólogo da saúde no hospital geral: um estudo sobre a atividade e a formação do psicólogo hospitalar no Brasil. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/3wfdVFWNsD6FhhR9vHPrtYF/abstract/?lang=pt>

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Psicologia hospitalar**: Teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ARAÚJO, R. A. S.; SILVA, F. A. da; FARO, A.; SOBRAL, A. L. O. Uso de atividades lúdicas no processo de humanização em ambiente hospitalar pediátrico: intervenção Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET/Saúde REDES – Urgência e Emergência). 2016. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/422>

ASSIS, Fabiane Espindola de; FIGUEIREDO, Sue Ellen F. M. R. de. A atuação da psicologia hospitalar, breve histórico e seu processo de formação no Brasil. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/26130>

AZEVEDO, Adriano Valério dos Santos; CREPALDI, Maria Aparecida. A Psicologia no hospital geral: aspectos históricos, conceituais e práticos. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/JHXxwcXNsqNk3f3pfsyyhFP/?format=html&lang=pt>

BARBOSA, Guilherme Corrêa; MENEGUIM, Silmara; LIMA, Silvana Andréa Molina; MORENO, Vania. Política nacional de humanização e formação dos profissionais de saúde: revisão integrativa. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/Xft5GGxBgzdgDWtHthCS5GQ/?lang=pt>

CANTARELLI, Ana Paula Silva. Novas abordagens da atuação do psicólogo no contexto hospitalar. 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-08582009000200011&script=sci_art_text

CARVALHO, Denis Barros de; SANTANA, Janaína Macêdo; SANTANA, Vera Macêdo de. Humanização e controle social: o psicólogo como ouvidor hospitalar.

2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/ntFjddTHcHD87jGQz98GwZv/?lang=pt>

CARVALHO, Francineti Maria Rodrigues. A escuta das dores na clínica médica: a importância da avaliação psicológica no contexto hospitalar. 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/29762/23483>

CARVALHO, J. S.; MARTINS, A. M. A morte no contexto hospitalar: revisão de literatura nacional sobre a atuação do psicólogo. 2015. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/307>

CASTRO, Elisa Kern de; BORNHOLDT, Ellen. Psicologia da saúde x psicologia hospitalar: definições e possibilidades de inserção profissional. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MZB4WxpDB4gdNnSY4DBM8qq/?lang=pt>

CAVALCANTI, Anna Carolina Silva; BAÍA, Ângela Fernandes. O conceito de cuidar em psicologia hospitalar: da tecnificação à humanização? 2015. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/484/131>

COSTA, M. F.; RODRIGUES, J. P. Fundamentos preliminares para a prática de uma psicologia psicossocial hospitalar. 2025. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/743>

CUNHA, Felipe Augusto; CREMASCO, Gabriela da Silva; OBANA GRADVOHL, Silvia Mayumi. O papel do psicólogo hospitalar segundo os pacientes hospitalizados. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2653/265346077005.pdf>

DE LARA, L. P.; KUROGI, L. T. O (a)parecer da psicologia hospitalar em equipe multiprofissional. 2022. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/24>

FOSSI, Luciana Barcellos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. 2004. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/4/4>

HUTZ, Cláudio Simon; BANDEIRA, Denise Ruschel; TRENTINI, Clarissa Marcelli; REMOR, Eduardo (orgs.). **Avaliação psicológica nos contextos de saúde e hospitalar**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

KOVÁCS, M. J. Bioética nas questões da vida e da morte. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/d9wcVh7Wm6Xxs3GMWp5ym4y/?format=html&lang=pt>

KUPERMANN, Daniel. Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar. 2016. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/408>

LARA, Lucas Pimentel de; KUROGI, Luciana Tiemi. O (a)parecer da psicologia hospitalar em equipe multiprofissional. 2022. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/24/161>

MIRANDA, Larissa Moura; NOGUEIRA, Maria Gratão Amaral; ALVES, Isabelle Drummond Oliveira Laterza. Aspectos psíquicos do paciente internado na UTI de um hospital. 2021. Disponível em:

<https://revistas.facmais.edu.br/index.php/maispontal/article/view/3/3>

MORETTO, M. L. T. Assistência, ensino e pesquisa em Psicologia Hospitalar. 2016. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000200001

MORETTO, M. L. T. O valor da interdisciplinaridade em Psicologia Hospitalar. 2015. Disponível em: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/297>

MOTA, Roberta Araújo; MARTINS, Cileide Guedes de Melo; VÉRAS, Renata Meira. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/RvZzMgdxZngYscGQsGNWHvF/abstract/?lang=pt>

MUTARELLI, Andreia. O serviço de psicologia no hospital: modelo assistencial de cuidado na busca pela promoção de saúde. 2015. Disponível em:

<https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/296>

NETO, A. C.; PORTO, J. D.' S. Utilização de instrumentos de avaliação psicológica no contexto hospitalar: uma análise da produção brasileira. 2017. Disponível em:

<https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/254?articlesBySimilarityPage=6>

PORTO, Gláucia; LUSTOSA, Maria Alice. Psicologia hospitalar e cuidados paliativos. 2010. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100007

SANTOS, Juliana Soares Laudelino; SARMENTO, Janne Eyre A. de Melo. Histórico da psicologia hospitalar no Brasil: uma revisão bibliográfica. 2023. Disponível em:

<https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/1468>

SEBASTIANI, Ricardo Werner; MAIA, Eulália Maria Chaves. Contribuições da psicologia da saúde hospitalar na atenção ao paciente cirúrgico. 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/acb/a/qW8BWG4GWgP4NJqNtrBcSdn/abstract/?lang=pt>

SILVA, Ageu Moura da. A atuação do psicólogo hospitalar: um olhar sobre os aspectos psicológicos da hospitalização na perspectiva do acompanhante. 2023. Disponível em:

<https://seer.catolicaorione.edu.br/index.php/revistaorione/article/view/283/215>

SILVA, Maria Eduarda de Assis; LANGARO, Fabíola. Psicologia hospitalar e cuidados paliativos: atuação com pacientes com câncer em final de vida e seus familiares. 2023. Disponível em:

<https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/918>

SIMONETTI, Alfredo. **Manual de Psicologia Hospitalar: O Mapa da Doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

TERNUS, B. F.; WOLLMANN, I. Implementação da política de humanização nas Unidades de Terapia Intensiva: uma revisão integrativa. 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-0858202100020007

TITO, Ana Clara; LIMA, Guilherme Wellington Teixeira de; SILVA, Leonídia Aparecida Pereira da; NETO, Fernanda Brito da Silva; SILVA, Alex José da; GOMES, Lucas Araújo; GRACIELLE, de Jesus; ANDRADE, Ana Clara. Atuação da psicologia no contexto de hospitalização infantil: uma revisão sistemática da literatura brasileira. 2023. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/43265/34840>

TONETTO, Aline Maria; GOMES, William Barbosa. A prática do psicólogo hospitalar em equipe multidisciplinar. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/gJLwDT5TZhyVXTRW7CZKLgG/abstract/?lang=pt>

TOREZAN, Zeila Facci; CALHEIROS, Taís da Costa; MANDELLI, Jéssica Pedrosa; STUMPF, Vanuccy Martins. A graduação em Psicologia prepara para o trabalho no hospital? 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/nJQ5FsRvCxfXYqgdYKM7YxK/abstract/?lang=pt>

VIEIRA, André Guirland; WAISCHUNNG, Cristiane Dias. A atuação do psicólogo hospitalar em Unidades de Terapia Intensiva: a atenção prestada ao paciente, familiares e equipe, uma revisão da literatura. 2018. Disponível: <https://revistasbph.emnuvens.com.br/revista/article/view/269>

VIEIRA, Michele Cruz. Atuação da psicologia hospitalar na medicina de urgência e emergência. 2010. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/upload/S/1679-1010/2010/v8n6/a1602.pdf>